

“SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS”: A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA EM LIMOEIRO – CE (1915-1945)

Maria Lucelia de Andrade*

RESUMO: A presente pesquisa é um estudo sobre a Pia União das Filhas de Maria, uma irmandade leigo-religiosa formada exclusivamente por mulheres solteiras católicas. Espaço multifacetado, essa irmandade se constituía como lugar de disciplina e norma, enquanto se mostrava também como espaço de distinção e de liberdade. Concebida para formar modelos femininos de conduta moral, a Igreja cuidava para que suas associadas não se deixassem corromper pelas influências mundanas da modernidade.

ABSTRACT: The present research is a study on the Pia União das Filhas de Maria, a religious brotherhood exclusively formed for catholic single women. Multifaceted space, this brotherhood was a place of disciplines and norm, while it also revealed as freedom and distinction space. Conceived to form feminine models of moral behavior, the Church took care of so that its associates did not leave themselves to corrupt for the mundane influences of modernity.

Nas primeiras décadas do século XX, era comum encontrar nas paróquias das cidades brasileiras diversas associações laicas de caráter devocional. A Pia União das Filhas de Maria era uma dessas associações. Partindo da devoção à Virgem Maria, muito popular entre os católicos, esses grupos assumiam feições diversas nos contextos locais.

A “Pia União das Filhas de Maria sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inez Virgem e Mártir” não teve suas origens no Brasil. Este modelo de confraria religiosa direcionada ao apostolado leigo foi criado em Roma, na Basílica de Santa Inês, *extra muros*, em 30 de setembro de 1864, pelo cônego regular Alberto Passéri. Esta Pia União de Roma foi submetida à apreciação do papa Pio IX e, depois de aprovada, foi elevada à Primária, o que significa que todas as outras Pias Uniões das Filhas de Maria que viessem a surgir ao redor do mundo deveriam estar subordinadas a ela. Desde o início, a Primária romana da Pia União das Filhas de Maria, e suas agregadas, receberam da Sé apostólica grande deferência, e o Papa tratou de conceder inúmeras indulgências a esta irmandade.

A intenção principal da Igreja Católica era incentivar a instalação dessa Associação Pia feminina nas paróquias católicas ao redor do mundo. Este modelo deveria trazer às fileiras católicas jovens fiéis devidamente disciplinadas, de acordo com os valores e ensinamentos católicos. De acordo com a própria Sé Romana, esse modelo de associação era uma das

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. O presente texto é baseado na Dissertação de Mestrado intitulada “Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945). UFC, 2008. A referida pesquisa contou com o apoio da CAPES.

formas mais eficazes de cuidar “da virtude do sexo frágil” (MANUAL DA PIA UNIÃO, 1926. p. XXV)¹.

No Brasil, a expansão das associações Pias de Filhas de Maria começa a se efetivar em inícios do século XX. A Igreja católica brasileira via nos sodalícios como as Filhas de Maria, a possibilidade de arregimentar os membros das irmandades leigas então existentes, e discipliná-los de acordo com seus ensinamentos, normas e dogmas, trazendo para si o potencial representado por essas confrarias. Desde fins do século XIX a Igreja católica brasileira vinha sofrendo mudanças significativas. Com o fim do Padroado Régio, ela se voltou para as orientações de Roma, buscando se fortalecer, no mesmo instante em que enfrentava uma série de mudanças propostas pelo Concílio Vaticano I. Esse processo de transformação ficou conhecido como *Romanização* e deu novas feições à Igreja no Brasil, uma vez que se constituía como

Um movimento reformador da prática católica no século XIX, principalmente na segunda metade, que buscava [...] sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados em irmandades. (ABREU, 1999: 312.)

Fundadas com os mais diversos intuitos, desde garantir assistência fúnebre a seus associados até promover caridade para com os mais pobres, as irmandades estavam diretamente ligadas às manifestações religiosas da maioria da população brasileira, e eram independentes da hierarquia católica. Diante da nova conjuntura, as irmandades passaram a representar, para a Igreja, fortes concorrentes no que diz respeito ao sustento financeiro oferecido pelos fiéis. O dinheiro arrecadado pelas irmandades, ao qual a Igreja não tinha acesso, motivava esta a tecer severas críticas às irmandades leigas, acusando-as de mau uso do dinheiro arrecadado em nome dos santos padroeiros e apontando-as como praticantes de um catolicismo “impuro”, que distorcia a fé católica.

Com isso, a Igreja passou a incentivar a fundação de irmandades em sintonia com o modelo romanizado, ao mesmo tempo em que tolerava algumas práticas do catolicismo popular, evitando, assim, atritos em um momento em que ainda se encontrava fragilizada pois, “para sobreviver sem o apoio do Estado era indispensável ao aparelho religioso reestruturar-se, restabelecendo a articulação entre o aparelho eclesiástico e as grandes massas.” (OLIVEIRA, 1985, apud STEIL, 1995. p. 231).

Visando substituir o modelo de devoção vigente, a Igreja procurava implantar irmandades em sintonia com os preceitos da romanização. Essas associações seguiriam, ao

¹ Manteve-se a grafia original.

contrário das irmandades então existentes, os ditames da Igreja e teriam à frente um sacerdote. Com esse novo modelo de irmandade, buscava-se implantar um catolicismo voltado à valorização dos ritos e sacramentos, tirando das ruas os festejos aos santos e levando-os para os templos, lugar institucional de controle.

A Pia União das Filhas de Maria, exemplo de irmandade romanizada, seguia o modelo europeu e era fruto de um projeto moralizador visando disciplinar o sexo feminino dado como mais suscetível aos apelos da religião católica. Este intuito moralizador estava ancorado nas virtudes: Pureza/castidade, Penitência/obediência e Caridade.

Para tanto, as padroeiras dessa irmandade, principais modelos a serem seguidos pelas associadas, eram os ícones católicos dessas virtudes. Maria, modelo inalcançável de Pureza, Obediência e Caridade, era o principal modelo a ser imitado.

Santa Inês, sob cujo patrocínio foi erigida a Pia União das Filhas de Maria, é um exemplo de jovem virtuosa que “abraçou a morte” para não ter sua pureza maculada, e que durante a vida terrena deu diversos exemplos de caridade e obediência. Sua história era ensinada, contada e recontada às Filhas de Maria, que deveriam aprender, e seguir, o exemplo da jovem mártir. Sob o patrocínio de modelos de pureza e obediência, a Pia União das Filhas de Maria nasceu sinalizando, a partir de suas padroeiras, o modelo de mulher desejado em suas fileiras.

A pureza, diretamente relacionada à castidade, se constituía uma das preocupações principais dos entusiastas desse modelo de irmandade, e transformava suas associadas em “anjos de virtude”. Os ares da liberdade sexual jamais deveriam soprar para as jovens católicas, especialmente, as Filhas de Maria. A pureza feminina, relacionada ao desconhecimento de assuntos e práticas sexuais, era o principal ponto de vigilância em torno das ações destas mulheres e as equiparava a seres angelicais, uma vez que uma boa Filha de Maria deveria abjurar “todos os prazeres mundanos para conservar-se sempre inpolluta sempre pura sempre digna do nome de filha de Maria”².

Para a Igreja Católica, era preferível o martírio, tal como na história de Santa Inês, do que macular a virtude da castidade. Na Pia União de Limoeiro, o mandamento era preciso: “antes morrer que manchar-se”, louvando a pureza, a “alma intacta” e o “coração puro”.

A seguir, deu por começada a Instrução baseando-se no 6º. e 9º. Mandamento da Lei de Deus – Não pecar contra a castidade; - fazendo-nos compreender em

² Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1916. Em todas as citações das atas das Filhas de Maria, manteve-se a grafia original do documento, inclusive com os erros de ortografia.

*quantas cousas se mostra o mundo grande apreciador da puresa! Para conservar a alma intacta, o coração puro, a consciência isenta da mais leve sombra da impuresa, é preciso ter uma vontade apostada a antes quebrar que torcer, e uma Constancia inquebrantavel ao firme proposito de antes morrer que manchar-se.*³

As manifestações que pudessem colocar essas jovens em contato com um universo do sexo eram combatidas com veemência, por isso a vigilância deveria girar em torno não só das relações homem-mulher, ou dos namoricos inconseqüentes. Era preciso combater tudo que pudesse trazer às jovens católicas algo que as fizesse perder a inocência, tais como imagens, leituras, bailes, e outros apelos profanos.

De acordo com o Manual da Pia União, era a “pureza virginal” a virtude predileta de Maria e de Jesus Cristo, por isso, cuidar desse “precioso tesouro” era de suma importância para uma Filha de Maria, afinal, a pureza era “como um tesouro precioso encerrado num frágil vaso que se quebra ao menor choque”.

Mas, como esta virtude é tão bela e preciosa, facilmente perde seu brilho. – Ela é como um lírio mimoso que ao menor toque se murcha; é como o cristal que ao menor hálito embacia; é como um tesouro precioso encerrado num frágil vaso que se quebra ao menor choque. Um simples olhar, um brinquedo, uma palavra, um pensamento, podem manchar essa bela virtude. – E desgraçada de vós, se a perdestes! Embora tenhais todas as outras virtudes, - se não sois casta, não podereis agradar a Maria, antes ela vos olhará com horror e indignação. (MANUAL DA PIA UNIÃO, 1926. p. 448)

Um tesouro a ser guardado, um tesouro constantemente ameaçado por todos os sentidos do corpo, ameaçado pela vontade de saber, pela possibilidade de perda da inocência. O amor de Maria, e o respeito da sociedade, segurados apenas por uma tênue linha que separa essas jovens das tentações do mundo.

A virtude da obediência tornaria essas mulheres mais dóceis e passíveis de dominação. Como uma virtude que deveria ser observada e respeitada, trazia para os pais e para a Igreja a sensação de controle sobre o sexo feminino. Uma vez condicionadas a cultivarem a obediência, elas deveriam, na visão da Igreja Católica, tornarem-se mais submissas ao controle clerical, evitando problemas ou constrangimentos sociais.

A virtude da penitência completava o círculo do controle do corpo e mente femininas, incumbindo cada Filha de Maria de vigiar-se cuidadosamente. A autovigilância, eficaz forma de controle, trazia consigo a diligência do pensamento e dos atos astuciosos. Mesmo aqueles que não eram descobertos pela Igreja ou pela família estavam ao alcance da vigília de si. Assim, ao incentivar a penitência, a Igreja procurava estabelecer uma relação de

³ Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de setembro de 1933.

culpa da jovem católica com seu corpo e com o mundo, onde ela, ao penitenciar-se, põe em relevo a eficácia da vigilância de si.

Uma vez observado este tripé virtuoso, a Igreja poderia tranquilizar-se quanto às práticas de suas Filhas. No entanto, esta observação não era posta em prática completamente, e nos desvios e percalços das virtudes, as Filhas de Maria iam traçando sua história.

A Igreja sabia que suas estratégias e ensinamentos podiam apresentar falhas, por isso não deixava de ratificar em seus discursos e práticas a obediência aos mandamentos. No discurso da Igreja, a desobediência transformava a existência da associação em algo estéril, desprovido de sentido: “É mil vezes melhor não existir uma Pia União de Filhas de Maria, do que, em lugar dum corpo cheio de vigor e vida espiritual, como ela deve ser, ver-se um frio cadáver, estado a que a levou a tibieza” (MANUAL DA PIA UNIÃO, 1926. p. 43).

A existência de uma Pia União maculada por desvios morais podia acarretar danos à imagem de todas as outras associações e colocar em risco este empreendimento moralizador católico visto que a finalidade da Pia União, de acordo com seu Manual, era construir modelos de mulheres, que soubessem refrear suas paixões, sem “dar largas às suas naturais inclinações”, enfim, mulheres condicionadas a controlar seus impulsos e desejos.

[...] o fim desta Pia União não consiste em encher o mundo de freiras, como a cada passo dizem os inimigos do bem, mas em fazer crescer as jovens na piedade cristã, na honestidade dos costumes, em torna-las obedientes e respeitadas para com seus pais, afim de que um dia, segundo o estatuto a que forem chamadas por Deus, possam ser ou esposas fiéis e ótimas mães de família no século, ou esposa do Senhor no claustro, ou ainda castas donzelas no meio do mundo, no seio das suas famílias, servindo aí como flores ilibadas, de exemplo a todos na piedade e na virtude. [...] Ela deseja se procure conhecer a vocação restando as paixões e freqüentando os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, e não nos passatempos perigosos, no meio dos desvários [sic] da juventude, dando largas às suas naturais inclinações. (MANUAL DA PIA UNIÃO, 1926. p. 6-7)

O apelo devocional em torno da Virgem Maria era forte no município de Limoeiro, que tem como padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição. No entanto, para além do âmbito religioso, a Pia União das Filhas de Maria trazia outros atrativos, que faziam dessa associação um grupo distinto no município.

Em Limoeiro, a Pia União das Filhas de Maria surgiu discretamente, embora contasse com um grande entusiasmo de seu fundador, o Padre Acelino Vianna Arraes, pároco do município na época. Foi erigida canonicamente, e agregada à Primária romana, no dia 03 de junho de 1915. Nasceu junto à associação da Immaculada Conceição, confraria existente no município e que além de um apreciável número de associadas também contava com elevada distinção na sociedade local. Ao contrário das Filhas de Maria, as associadas dessa

Confraria da Immaculada Conceição, santa padroeira do município, não tinham grandes obrigações morais e religiosas com a associação. Foi dessa confraria que saíram as primeiras associadas da Pia União das Filhas de Maria.

Era evidente o entusiasmo do pároco de Limoeiro, Padre Acelino Vianna Arraes, com a implantação desse modelo ultramontano de confraria feminina.

Finalmente tomou a palavra o Revmo. Pe. Acelino um pouco comovido ou emocionado com a grandesa e sublimidade do acto mas com a alma a transbordar de alegria pelo prazer de ver coroado os seus desejos de parcho com a fundação desta bella instituição que a muito era seus sonhos dourados, congratulava-se com suas digna parochianas que abraçavam tão pia obra com um desprendimento stoico de verdadeiras crentes e neste dia tão solenne em que a igreja commemora o dogma da Immaculada Conceição, elle como parcho pedia a excelsa rainha dos ceos e da terra as benções para esta freguesia de que ella era padroeira. Leu o programma da procissão e esplicou a collocação das Filhas de Maria e aspirantes no trajecto da mesma.⁴

Logo o pároco da cidade tratou de colocar a Pia União das Filhas de Maria em evidência, dando às associadas um lugar de destaque nos ritos da Igreja, especialmente nas procissões, espaços públicos importantes no município, nos quais compareciam portando seu estandarte bordado com fios de ouro. Uma forma de comunicar à cidade que ali estava bem mais que um grupo de simples devotas, uma vez que as procissões católicas no município de Limoeiro, para além da dimensão devocional do rito, eram locais privilegiados de projeção social. À elas, comparecia grande parte da população do município, o que as tornava um palco singular para os setores mais elitizados da sociedade projetarem-se. Nas procissões, as pessoas não iam apenas para rezar, também iam para ver e serem vistas. Um lugar de destaque nesses eventos rendia o reconhecimento de toda a sociedade local.⁵

Na Igreja Matriz, no ritual da missa, os bancos da frente eram a elas reservados. E, de forma gradual, as mais abastadas do município passavam a figurar nas fileiras da Pia União com suas cintilantes fitas azuis.

O prestígio que as Filhas de Maria começaram a vivenciar na sociedade limoeirense vai ficando evidente tanto nos ritos católicos, como também na atenção que passaram a receber dos “ilustres” do município. Neste sentido, as reuniões mensais das Filhas de Maria começaram a se configurar como um lugar concorrido, onde os convidados do diretor da Pia União faziam uso da palavra dirigindo-se às jovens presentes.

⁴ Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1915.

⁵ A esse respeito ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. *Nuanças de um ritual de fé: As procissões católicas em Limoeiro do Norte (1940-1980)*. Monografia de Graduação em História – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2004.

Este tipo de visita demonstra como a Pia União vai se estabelecendo também como espaço de disputa política, onde as relações firmadas pelo diretor com os caciques políticos locais determinavam de quem seriam os “conselhos” ouvidos por essas jovens mulheres. Fundada para se tornar reduto de modelos irretocáveis de comportamento feminino, a irmandade das Filhas de Maria foi assumindo características multifacetadas, onde espaços de disputa e de prestígio foram se instituindo de forma gradual. Essas disputas de poder vão se esquadrinhando sutilmente nas atas das reuniões mensais, principalmente no que se refere à ocupação de cargos na associação.

As disputas políticas intra-irmandade refletiam discretamente as disputas políticas extra-irmandade, nas quais os sacerdotes do município estavam profundamente envolvidos. As rixas partidárias eram determinantes na nomeação e permanência de párocos no município e, conseqüentemente, de diretores da Pia União das Filhas de Maria. A cada troca de diretor, mudanças de cargos e pedidos de exoneração aparecem nas atas das reuniões. Evidências de que as relações entre o diretor e as Filhas de Maria nem sempre eram amistosas, apontando conflitos internos, e demonstrando também como as associadas da Pia União, não eram meros receptáculos de ordens do clero, manifestando, vez por outra, suas opiniões e desejos.

No início da década de 1930, a Igreja Católica fundou a Liga Eleitoral Católica (LEC), como estratégia para se inserir de forma mais direta nas disputas eleitorais. É com a LEC que a inserção da mulher católica na vida política do Estado assumirá uma nova dimensão.

De acordo com o discurso católico a Liga Eleitoral Católica não era um partido político e objetivava instruir o eleitorado católico a votar em candidatos que aceitassem defender os interesses da Igreja católica. Nesse sentido a imprensa católica se empenhava afastar da LEC a imagem de partido político.

A Liga Eleitoral Catholica não é, de forma alguma arregimentação política. Não possui qualquer veleidade partidária. É e vai ser, com a graça de Deus, a orientadora e a esclarecedora da consciencia catholica brasileira – isto é, da maioria nacional, da quase totalidade do nosso povo – sobre o direito do voto e o dever de votar bem. (O NORDESTE, 04/02/1933. p. 3)

O fato de não se declarar como partido, desvinculava a Igreja da imagem negativa das desavenças políticas, e dava à LEC a liberdade de vincular-se a qualquer partido, conforme seus interesses. Entretanto, de acordo com Simone de Souza, no Ceará a LEC se transformou “*em verdadeiro partido político*” (SOUZA, 2004. p. 301).

A ligação da LEC com as mulheres católicas e, principalmente, com as Filhas de Maria, proporcionou um fortalecimento da Igreja no que se refere às eleições no Estado do Ceará e também na Constituinte federal. A Igreja, que a princípio não via com simpatia o sufrágio feminino, instituído pelo código eleitoral de 1932, encontrou neste um forte ponto de apoio à seus ideais político-partidários. Com a instituição da Liga Eleitoral Católica no Ceará, a política assumia novas feições e os discursos do passado deveriam ser explicados e reinventados.

As Filhas de Maria, em Limoeiro, eram alcançadas pelo discurso do Jornal católico cearense, leitura obrigatória do grupo, e que fazia forte campanha para que a população feminina aderisse ao alistamento eleitoral, uma vez que o voto feminino não era obrigatório. Os ditames contidos no Jornal eram ratificados pelos sacerdotes durante as reuniões da irmandade. Votar nos candidatos apoiados pela LEC era uma obrigação das Filhas de Maria. Essa obrigação ultrapassava o âmbito da consciência religiosa, e sua não observação estava sujeita a retaliações severas, inclusive a expulsão da irmandade.

*Leu-nos [o diretor] a seguir no “Nordeste” um artigo sobre os deveres do católico em votar pela Liga Eleitoral Católica, ao terminar disse-nos que se alguma Filha de Maria não votasse na Liga, seria excluída [...]*⁶

Essa dimensão política que a Igreja vai atribuindo à Pia União das Filhas de Maria promove também uma reinvenção de valores dentro da própria associação. A expulsão ou a suspensão de associadas, antes relacionadas apenas a fatores de ordem moral, assumem agora feições políticas. Essa mudança atribui um novo significado às sanções e normas disciplinares na irmandade. De espaço disciplinar e moralizador, a Pia União das Filhas de Maria assume também o papel de base de apoio aos projetos político-eleitorais da Igreja Católica.

A partir da década de 1940, as Filhas de Maria iniciaram um trabalho de visitação de doentes nos bairros mais pobres e afastados da cidade, para prestar-lhes “assistência espiritual”, ações no âmbito da caridade, incentivada dentro da irmandade. A cada mês, um grupo de visitadoras era designado para fazer a visita aos doentes carentes da cidade. Alguns grupos, especialmente aqueles compostos pelas mais abastadas, iam além da assistência espiritual, fazendo doações aos mais necessitados. Praticar caridade, e dar esmolas numa cidade onde as jovens eram conhecidas a partir dos nomes de seus pais, podia ganhar uma dimensão política, e essa assistência material podia despertar sentimentos de gratidão nas

⁶ Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de setembro de 1934.

famílias assistidas. Num contexto onde as eleições chegavam a ser decididas por menos de duas dezenas de votos, essa gratidão podia ser revertida em alguns votos importantes.

Para além dos conflitos e interesses políticos, as Filhas de Maria lidavam com as normas e vigilância da irmandade. Tidas como modelos de pureza perante a sociedade limoeirense, essas jovens viviam às voltas com os desejos e tentações mundanas e as normas e preceitos morais estabelecidos pela Igreja Católica.

A norma que regia as Filhas de Maria era vigilante. Na vigilância se baseava a garantia de bom funcionamento da Irmandade. Nesse sentido, o primeiro objeto de cuidado era a indumentária. Das Filhas de Maria exigia-se que se vestissem adequadamente, o que significava não deixar o corpo à mostra. Decotes, transparências, vestidos curtos ou sem mangas eram reprováveis, por isso, as novas modas eram condenadas pelo discurso católico. Assim, a indumentária se tornava o primeiro objeto de cuidado. Das Filhas de Maria exigia-se que se vestissem adequadamente, o que significava não deixar o corpo à mostra. O vestido branco com mangas longas, acompanhado de meias grossas e a cabeça coberta pela mantilha, que as caracterizavam apontam para o quão pecaminoso, na visão da Igreja, era a simples visão da pele.

Mas o controle que a Igreja buscava manter em torno das mulheres, especialmente das Filhas de Maria, seu modelo mais caro, numa sociedade em mudança, não se restringia às roupas. A rigidez das normas da Pia União espalhava-se pelas múltiplas práticas sociais do seu cotidiano, por isso era importante cuidar de suas formas de diversão. Os bailes, as danças, o cinema, as leituras tornavam-se gradativamente alvos da vigilância e das críticas da Igreja, que via neles uma ameaça à pureza.

A presença de uma Filha de Maria num baile da cidade podia acarretar advertência ou expulsão da associação, regra que se aplicava também às danças. O cinema e a leitura eram submetidos a censura católica que deveria dizer se eram ou não apropriados ao público feminino.

A Pia União era exemplo de pureza, por isso em seu corpo não poderia haver máculas, figuras desviantes que desmerecessem a imagem da associação. Não por acaso, as orientações em torno da vigilância de si e das outras eram constantes, e a eficácia dessa teia variava de acordo com as astúcias e as posições sociais daquelas que burlavam as regras.

Na irmandade, tratavam-se os casos de falhas de comportamento com discrição, uma forma de preservar a imagem do grupo. Submetidas a muitas regras e cobradas em seus comportamentos, as Filhas de Maria de Limoeiro não se resignaram diante da vigilância, pelo contrário, resistiram sutilmente de muitas formas. Porém a sutileza de suas resistências nem

sempre as livraram da punição. Por isso, ao longo das primeiras décadas do século XX, alguns casos de expulsão da irmandade estão discretamente registrados em suas atas.

Elas eram mulheres, “Filhas de Eva”, como a imprensa católica denominava o sexo feminino, mostrando que, no imaginário católico, a imagem de Eva não estava dissociada da imagem da mulher, mesmo que esta trouxesse consigo o título de Filha de Maria.

No entanto, a Igreja desejava que elas se comportassem “Como se fossem anjos sobre a Terra”: modelos da pureza, das boas ações e da piedade cristã. Filhas de Eva purificadas pela norma e disciplina católicas com o intuito de tornarem-se modelos angelicais. O título de Filha de Maria agregava-se à identidade da jovem mariana como uma segunda natureza.

Se é provisório o estudo historiográfico, ainda há muito que ser feito em torno da pesquisa histórica acerca desse grupo multifacetado constituído pelas Filhas de Maria. As possibilidades em torno desse objeto de pesquisa abrem um leque de possibilidades de análise da história da mulher católica cearense, e das normas morais, sociais e religiosas que as cercavam.

Referências Bibliográficas

ABREU, Marta. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Manual da Pia União das Filhas de Maria. Trad.: Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: 1926.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985. Apud STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

SOUZA, Simone de. Da ‘Revolução de 30’ ao Estado Novo. In: SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova História do Ceará*. 3 ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.